

Natal, História de Fidelidade



« Alegres na Esperança, perseverantes na Oração »
Rm 12,12

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Baptista
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Mónica Maruny
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Teresa Pinho (Missionária VDei)

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Natal, História de Fidelidade

4 **INTRODUÇÃO**

PARTE I | Advento

- 8 1 Dezembro - Domingo I do Advento
- 12 8 Dezembro - Imaculada Conceição
- 17 15 Dezembro - Domingo III do Advento
- 23 22 Dezembro - Domingo IV do Advento

PARTE II | Natal

- 30 25 Dezembro - Natal
- 34 29 Dezembro - Sagrada Família
- 40 5 Janeiro - Epifania
- 46 12 Janeiro - Batismo do Senhor

PARTE III

- 52 Introdução
- 53 Votos Perpétuos da Teresa Pinho - Ação de Graças
- 59 Santa Missa para a Jornada da Família - Homilia do Papa Francisco
- 65 Encíclica Lumen Fidei

- 68 Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

O nosso caderno é Natal e o Natal é inspiração para o nosso caderno

Com o caderno de Advento-Natal, começamos um tempo litúrgico novo, um ano de novas atividades, e um ano mais. Não “um ano mais” em sentido depreciativo, mas sim um ano depois de muitos outros anos. Quanto ao caderno de oração, que tem já muitos anos, este é um exemplo de compromisso continuado no tempo. E por isso hoje prestamos homenagem a todos aqueles que o começaram, aos fiéis colaboradores e ainda aos nossos leitores que, mais do que leitores, são pessoas de oração.

Por tudo isto, o Caderno é um “concentrado” de fidelidade, de perseverança nas dificuldades e é, sobretudo, um caminho de fé, uma vivência comunitária que não queremos guardar para nos próprios.

Será que estou a sentir-me mais velha e nostálgica? Com certeza que sim, porque o que me “encomendaram” para o Caderno foi uma introdução com um tema concreto “O Natal” e aqui estou eu a divagar e pensar na equipa que já foi e naqueles que agora somos...

Ao começar a escrever, é ao Espírito Santo a quem peço ajuda. E assim, sinto-me impelida a continuar a falar-vos da equipa: dos que pensam no esquema, dos que rezam as pistas e também dos que as revêem, corrigem, montam e (nem imaginam!) dos que fazem montes de fotocópias e as agrafam... São horas de dedicação - dentro das poucas horas que todos temos, do stress, do cansaço, das crianças à volta reclamando atenção... Realmente o caderno (e a vida) está cheio de sentimentos, pobreza, desejos, esperanças, às

vezes impotências... Só o saber que vocês esperam pelo Caderno de oração nos faz continuar e só a presença de Deus nos dá o poder de seguir em frente contra ventos e marés.

Ao reler o que escrevi, sinto que não vou muito desencaminhada, porque o espírito do caderno é o Espírito do Natal. O Natal é, antes de mais, uma história de fidelidade: a fidelidade de um Deus que, ano após ano, continua a vir ao nosso encontro.

E a Sua vinda é em pobreza, em dificuldade e em intimidade, mas vem para muitos, vem para todos aqueles que procuram.

Definitivamente, o “nosso caderno é natal” e o Natal é inspiração para o nosso caderno.

Em fidelidade e compromisso com toda a humanidade, como o menino de Belém continuaremos fazendo-nos presentes com o caderno de oração, sobretudo para fazê-Lo presente a Ele, que ano após ano chega às nossas vidas!

parte I

Advento

“Procuras Deus? Olha para o Mundo com olhos de ver”

Is 2, 1-5 “Vinde, Casa de Jacob! Caminhemos à luz do Senhor.» (Is 2, 5)

Sl 121, 1-2.4-9 “O SENHOR protege-te nas tuas idas e vindas, agora e para sempre.” (Sl 121, 8)

Rm 13, 11-1 “A noite adiantou-se e o dia está próximo. Despojemo-nos, por isso, das obras das trevas

Mt 24, 37-44 e revistamo-nos das armas da luz.” (Rm 13, 12)
“Se o dono da casa soubesse a que horas da noite viria o ladrão, estaria vigilante e não deixaria arrombar a casa.” (Mt 24, 43)

Quais são as luzes que costumamos usar para melhor iluminarem os caminhos por onde andamos todos os dias?

Sabendo que o Senhor é a LUZ, que meios pomos ao nosso alcance para não andarmos às escuras?



o ler depressa o livro de Isaías, a frase “Caminhemos à luz do Senhor” não me disse nada de especial, para além de associar o Senhor à Luz... Mas depois de ler o texto do Padre Vasco Pinto Magalhães (ver texto abaixo mencionado), reparei na diferença entre caminhar à Luz do Senhor e caminhar **para** a Luz (que é o Senhor).

É verdade que Deus é luz, mas se olharmos diretamente para uma luz (sol, faróis de um carro, projetor de luz, etc), ficamos encandeados.

Noutro dia estive numa apresentação que um engenheiro da EDP deu a um grupo de voluntários. Partilhou connosco a sua experiência de mais de um ano num campo de refugiados no Sudão e contou-nos que o sucesso escolar era muito baixo, em parte, porque os alunos não podiam estudar de noite. Como não há luz no campo, quando anoitece, os estudantes já não podem estudar. Só que encontraram uma solução: arranjaram umas lanternas, recarregáveis em painéis solares que existiam nas escolas, e os alunos podiam levá-las para casa para estudar durante a noite. A melhoria no sucesso escolar foi imediata e evidente!

Sim, a luz é essencial para a vida e nós, que vivemos em países civilizados, nem nos apercebemos do valor que é ter, por exemplo, uma lâmpada para acender de noite.

Contudo, ainda mais importante do que a luz do sol, do que a energia elétrica ou do que os painéis solares, a luz do Senhor é vital para uma vida com qualidade e liberdade.

O que seria de mim se não me tivesse convertido, se a Verbum Dei não me tivesse dado a conhecer um Deus que é amor e que me aceita e ama tal como sou, carregadinha de pecados?

Quantas relações pobres não teria eu, agora, sem a confiança que me dá saber-me amada incondicionalmente por Alguém que me abraça por todos os lados em todas as situações da minha vida?

Quantas atitudes mesquinhas não teria eu, com os outros, de cada vez que me ofendem ou agridem, se não aprendesse do Senhor a liberdade que me dá perdoar e não guardar rancor?

Como viveria agarrada aos bens materiais, julgando como meu tudo aquilo que obtivesse através do meu trabalho sem, por isso, sentir o gozo da generosidade e da partilha fraterna?

De que fonte tiraria eu, exemplos de vida como a de Jesus, um lutador contra a corrente, sem medo das aparências, dos julgamentos de opções que não são “politicamente” corretas mas que são escolhas por um bem maior?

Onde estaria eu neste momento, depois de tantas “idas e vindas”, depois de ter deixado este AMOR maior (que sinto e sei que o Senhor tem por mim), tantas e tantas vezes?

Sim, a LUZ muda tudo:

- Dá sentido aos momentos escuros, sem sentido, cheios de sofrimento e mortes, permitindo aceitar a vida tal como nos é dada viver, mas ainda

- Nos ajuda a sermos agradecidos por tudo e por todos, de maneira a não passarmos pela vida distraídos de tudo quanto nos rodeia.

Se a vida, por si mesma, tem momentos em que a “luz” vai abaixo por qualquer motivo fora do nosso controlo, tenhamos então a sabedoria de irmos sempre atrás da LUZ para não perdermos o fio à meada que é a alegria de viver!

Caminhar para a luz

“Escrevo com uma balança minúscula como as que usam os joalheiros. Num prato coloco a sombra e no outro a luz. Um grama de luz faz contrapeso a vários quilos de sombra.”

Christian Bobin



“Se Deus é luz, e tantas religiões usam esta imagem para falar do divino, então Ele é o que não se vê mas faz ver. A luz não é para ser vista, é para iluminar tudo o resto. Se vejo as coisas, e as vejo em profundidade e com o seu verdadeiro sentido, escondido aos olhos comuns, então é porque algo, alguém, me faz ver. Procuras Deus? Olha para o mundo com olhos de ver.”

Pe Vasco Pinto de Magalhães

Imaculada Conceição

- Gn 3, 9-15.20 «(...) O Senhor Deus perguntou à mulher: Que fizeste? E a mulher respondeu: A serpente enganou-me e eu comi.» (Gn 3, 13)
- Sl 97 «(...) Estabelecerei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela.» (Gn 3,15)
- Ef 1, 3-6.11-12 «(...) Maria disse ao Anjo: Como será isto, se eu não conheço homem? O Anjo respondeu-lhe: O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. (...) Maria disse então: Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» (Lc 1, 34-35.38)

Que exemplos devemos tirar desta atitude de Maria?

Em que medida estamos dispostos a procurar saber qual o projecto de Deus para nós e a aderir a ele, mesmo que não seja coincidente com a nossa própria vontade?



referência a estas leituras é meramente exemplificativa (sobre a Imaculada Conceição muitas outras leituras se poderão fazer) mas abordo-as em particular pela importância que considero terem na demonstração do papel decisivo da Virgem Maria para a alteração do curso da história da humanidade que tem, por Ela e graças a Ela, a oportunidade de se aproximar definitivamente de Deus por intermédio do Seu Filho e Nosso Deus Jesus Cristo.

Em boa verdade, em Génesis, é-nos descrito o caos em que os homens se encontravam pelo seu afastamento de Deus. É uma leitura bastante profunda e com uma grande intensidade descritiva no que se refere às consequências do nosso afastamento de Deus.

E esta leitura é atualíssima pois, hoje mesmo, no nosso dia-a-dia e em todos os dias, podemos fazer escolhas sobre o rumo que queremos dar à nossa vida, no contexto da liberdade que Deus nos dá, pois que nos criou livres e inteligentes, e mais: podemos fazê-lo com toda a consciência das consequências que advêm dessas escolhas.

Depois, temos em São Lucas relatada a atitude completamente contrastante de Maria que, sem perceber o que se vai passar na sua vida mas percebendo, contudo, que o que lhe estava a ser proposto por Deus, através do Anjo Gabriel, implicava uma alteração radical na sua vida face ao que tinha sido o seu próprio projeto de vida disse um "Sim" totalmente incondicional a Deus.

E, com este Sim, mudou a história da Humanidade. Deus concedeu aos Homens a oportunidade de começar com Ele outra história, uma nova aliança.

Aspeto que considero importante ter presente é que Maria aceitou a proposta de Deus. Não lhe foi imposta, foi necessário que ela aceitasse ("Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra") e aceitou plenamente, sem perceber muita coisa, abdicando dos seus próprios projetos numa atitude de confiança infinita.

Reflectindo profundamente, no dia da Imaculada Conceição, sobre o papel determinante de Maria na génese da nossa vida cristã, o que me ocorre de forma particular, para além do seu papel de Mãe que aceitou ser de Jesus, e de todos nós, é a sua adesão, sem quaisquer limites, sem impor condições, sem qualquer "...mas...".

As respostas às questões cuja reflexão propomos devem ser procuradas pedindo ao Espírito Santo que nos auxilie para as conseguirmos perceber. Mas uma atitude que podemos ter desde já, na nossa vida de todos os dias, quer num contexto familiar ou profissional, ou outros, é a de nos perguntarmos, em cada momento em que temos que tomar uma decisão e em que podemos optar por agir de formas distintas, como Cristãos qual deve ser a nossa atitude, a nossa resposta.

Ser Cristão implica seguir o exemplo de Jesus na nossa vida, todos os dias, sem excepção, é uma questão prática e Deus Pai deu-nos todos os meios de que necessitamos para o fazer.

Podemos começar com pequenas coisas, mas o importante é começar mesmo esta procura e a adesão ao projeto de Deus, de que nos deu o maior exemplo Maria ao aceitar ser a Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Termino com uma oração rezada na Eucaristia celebrada pelo Bispo de Santarém em 08 de Dezembro de 2011, e que nos pode auxiliar nesta caminhada:

"A Maria – Mãe, Senhora da Conceição, Senhora do Advento, Senhora do Monte, nos dirigimos, nesta hora, rogando-lhe que seja sempre a luz dos nossos caminhos e a ninguém falte a sua protecção maternal, que nos ajude a superar e a vencer as dificuldades da vida, conduzidos pela Palavra de seu filho Jesus!

Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!"



No site da Agência Ecclesia encontramos uma referência à Imaculada Conceição que, no contexto de uma abordagem teológica, refere o seguinte:

O dogma da Imaculada Conceição, proclamado a 8.12.1854 por Pio IX (Bula “Ineffabilis Deus”), declara a santidade da Virgem Santa Maria desde o primeiro momento da sua existência, desde a sua Conceição, ou seja, que ela foi preservada desde sempre da mácula do pecado original, no qual nascem todos os filhos de Adão. Enquanto estes estão privados da graça divina, a Virgem Maria foi toda pura, santa e imaculada desde o início da sua vida. Esta foi desde sempre a convicção profunda da Igreja, que viu na Virgem Maria a ‘Nova Eva’ (S.Ireneu).

(In <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=13760>)

Alegres na Esperança... da vinda do Salvador!

- Is 35, 1-6a.10 «Dizei aos corações perturbados: Tende coragem. Não vos assusteis. Aí está o vosso Deus! (...) Ele próprio vem salvar-vos (...) Voltarão os que o Senhor libertar, hão-de chegar a Sião com brados de alegria, com eterna felicidade a iluminar-lhes o rosto». (Is 35)
- Sl 145, 7-10 «Vinde, Senhor, e salvai-nos!» (Sl 145)
- Tg 5, 7-10 «Sede vós também pacientes, dai firmeza aos vossos corações, pois a vinda do Senhor está próxima.» (Tg 5)
- Mt 11, 2-11 «Vinde, Senhor, e salvai-nos!» (Sl 145)

«Ide contar o que estais a ouvir e a ver: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e a Boa Nova é anunciada aos pobres.» (Mt 11)

O Tempo de Advento é um tempo de espera confiante e ativa, é tempo de esperança.

Vem, Senhor, sempre, aqui e agora, para sempre! Tal como nos prometes..."Estarei convosco sempre até ao fim do mundo".

Que neste tempo de Advento possamos acolher e continuar a receber na nossa vida o Deus que vem para estar com cada um de nós!

E com brados de alegria, possamos partilhar com os outros, com os rostos iluminados com eterna felicidade – Aquele que nunca passa, aconteça o que acontecer...



Tempo de Advento é um tempo de espera activa, é tempo de esperança.

O profeta Isaías, no início da leitura, convida-nos a alegrarmo-nos... porque temos a esperança (a certeza daquilo que ainda não vemos totalmente) da vinda do Salvador...

E esperamos, seja qual for a nossa circunstância, no nosso momento presente. E precisamente, nas situações em que parece que não há esperança, esse convite, essa chamada à alegria é ainda mais forte.

“Alegram-se o deserto e o descampado”

“Tornai fortes as mãos fatigadas”

“Dizei aos corações perturbados: Tende coragem”

Olhando para cada um de nós e para o mundo à nossa volta, o que encontramos?

- O que existe de mais árido e sem vida em mim? E naquela pessoa? E naquela situação?

- O que me perturba em mim, nos outros? O que me cansa? De que tenho medo?

- Que fraquezas, limitações, pobreza vejo em mim, nos outros? Uma doença? Desânimo? Uma situação familiar? Falta de trabalho ou excesso dele?

Dêmos espaço e tempo para dialogarmos profundamente estas questões com Aquele que Vem para nos salvar, resgatar, dar a vida!

Há umas semanas, participei numa celebração do Crisma em que o Dom Joaquim, no momento da homília, explicava que existem duas atitudes que nos conduzem à salvação: a humildade (porque nos permite despojar de tudo, para nos deixarmos abraçar por Deus) e a obediência à Palavra de Deus, com fé e confiança.

“Não vos assusteis” – continua Isaías – *“Aí está o vosso Deus... Ele próprio vem salvar-vos.”*

Então, se na nossa pobreza, humildade, limitação, acolhermos e confiarmos neste Deus que vem até nós, o impossível acontece...

√ Os olhos dos cegos hão-de abrir-se (o que me convidas a ver?)

√ O coxo saltará como um veado (que desafios me chamas a alcançar?)

√ A língua do mudo cantará de alegria (onde poderei proclamar a alegria da esperança?)

E depois no Evangelho de S. Mateus, a “lista” continua... até os mortos ressuscitam...

No entanto, apesar de tudo, esta espera necessita de paciência. Quantas vezes não necessitamos de ter mais paciência? Para nós, para os outros e até para Deus... porque não compreendemos tudo.

“Esperar com paciência” – como nos aconselha S. Tiago – *“dar firmeza aos vossos corações”* faz-me recordar a 2ª parte do lema da Família Missionária Verbum Dei deste ano *“Perseverantes na Oração”*.

Ultimamente tenho tido necessidade de viver a paciência em vários aspectos da minha vida – na educação dos filhos, na relação com os outros, no trabalho, na paróquia, na família, comigo própria. Sabendo que a paciência é um dos frutos do Espírito Santo, experiencio que a oração me ajuda muito a viver mais “pacientemente”, a dar a firmeza que necessito ao meu coração, para dar espaço ao Senhor que vem ter comigo e quer fazer parte da minha vida, que tem uma palavra a dizer, que me ensina a viver melhor, com mais sabor, mais esperança e alegria! Mas nem sempre é fácil... por vezes na oração também sentimos que precisamos de paciência – porque a oração nem sempre nos dá respostas ao nosso ritmo, parece que não nos serve de muito, que estamos a perder tempo ou a roubar o tempo precioso para o descanso e para o lazer... No entanto, também vou experienciando que é tudo uma questão de paciência e perseverança... É bom poder dar tempo, sem pressas, para ganhar intimidade e cumplicidade com o Deus que é Vida, Amor, Renovação, Libertação... e isso é a Salvação que Deus nos oferece a cada instante.

Vem, Senhor, sempre, aqui e agora, para sempre! Tal como nos prometes... *”Estarei convosco sempre até ao fim do mundo”*. Que neste tempo de Advento possamos acolher e continuarmos a receber na nossa vida o Deus que vem para estar com cada um de nós! E com brados de alegria, possamos partilhar com os outros: *“Anunciamos uma grande alegria: o Salvador nasceu para nós”*, com os rostos iluminados com eterna felicidade – aquela que nunca passa, aconteça o que acontecer...

A Esperança

Havia milhões de estrelas no céu. Estrelas de todas as cores: brancas, prateadas, douradas, vermelhas, verdes e azuis...

Um dia, as estrelas procuraram Deus e disseram-lhe:

"- Senhor Deus, gostaríamos de viver na Terra entre os homens."

"- Assim será", respondeu o Senhor. "Conservarei todas vocês pequeninas, como são vistas e podem descer à Terra."

Conta-se que naquela noite, houve uma linda noite de estrelas. Algumas alinharam-se nas torres altas das igrejas, outras foram brincar a correr com os vaga-lumes nos campos, outras misturavam-se nos brinquedos das crianças e a Terra ficou maravilhosamente iluminada. Porém, passado algum tempo, as estrelas resolveram abandonar os homens e voltar para o céu, deixando a Terra escura e triste.



"- Por que voltaram?" Perguntou Deus à medida que elas chegavam ao céu.

"- Senhor, não foi possível permanecer na Terra. Lá existe muita miséria e violência. Muita maldade e injustiça..."

Depois de chegarem todas as estrelas, conferindo seus números, Deus falou:

"- Mas falta uma estrela, perdeu-se no caminho? "

E um anjo que estava perto respondeu:

"- Não Senhor, ela resolveu ficar entre os homens. Ela descobriu que seu lugar é exatamente onde existe a imperfeição, onde há o limite, aonde as coisas não vão bem, onde há luta e dor..."

"- Mas que estrela é essa?" Perguntou o Senhor.

"- É a ESPERANÇA, Senhor. A estrela verde. A única estrela desta cor. E quando olharam para a Terra, a estrela não estava só. Havia uma estrela verde no coração de cada pessoa."

(Autor desconhecido)

Um Deus Connosco!

Is 7,10-14 «Por Ele recebemos a graça e a missão de

Sl 23 (24) apóstolo ,a fim de levarmos todos os gentios a obedecerem à fé, para honra do seu nome, dos quais fazeis parte também vós, chamados por

Rm 1,1-7 Jesus Cristo.» (Rm 1, 5-7)

Mt 1,18-24 “Mas José, seu esposo, que era justo e não queria difamá-la, resolveu repudiá-la em segredo.” (Mt 1, 19)

“«A Virgem conceberá e dará à luz um Filho, que será chamado ‘Emanuel’, que quer dizer ‘Deus connosco’». Quando despertou do sono, José fez como o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu sua esposa.” (Mt 1, 23-24)

Os textos deste domingo centram-se na presença fiel de Deus na nossa vida. Um Deus que se faz carne, um “Deus-connosco”. Nenhuma das leituras nos fala de grandes milagres, ou feitos realmente marcantes. Todas nos falam de episódios relativamente discretos, quase despercebidos. A primeira leitura fala de uma interpelação ao rei Acáz, mas que tem um significado mais profundo. Isaías pede ao rei que confie em Deus para guardar o seu reino, S. Paulo pede à comunidade de Roma que se centre em Deus e no seu filho, como único alicerce da comunidade e por fim, Deus fala com S. José para lhe pedir que confie.

S José é uma figura muitas vezes esquecida por nós cristãos. A nossa visão da sagrada família centra-se muito em Maria e Jesus. Mas este homem, praticamente ausente do novo testamento, ensina-nos muita coisa. A primeira é a esperar. Vivemos tempos impulsivos marcados por alguma críspação social, económica, pela indignação. Todos tendemos a julgar, a culpabilizar tudo e todos pela situação do país, pelo colega que nos atraiçoa no trabalho, pela falta de expectativas. José perante um problema muito concreto de infidelidade, não rasga as suas vestes, não acusa Maria na praça pública. Pelo contrário, tem uma atitude de silêncio. É um homem horado, ponderado, discreto nos seus gestos. Talvez tenha sido esta atitude de discernimento que lhe permitiu estar atendo à voz de Deus. Muitas vezes sonho de noite e acordo cansado, sem me lembrar das angústias com que sonhei. Sinto-me demasiado ausente para perder tempo a pensar nas minhas vozes interiores. O Sábio no antigo testamento é parecido com José. É aquele que está atento ao mundo à sua volta. Que está disponível para escutar Deus. Talvez quando a leitura nos diz que “José decidiu repudiar Maria em segredo”, o que realmente queria dizer é que José optou por dar tempo a Deus para que os problemas se resolvessem através da Sabedoria divina. José é o homem que confia em Deus, mesmo quando este desorganiza a sua vida, lhe troca as voltas aos sonhos de um casamento como todos.

Quando o profeta Isaías pede ao rei para pedir um sinal, não está a pedir ao rei que coloque Deus à prova. Está simplesmente a pedir que deixe Deus participar na vida do seu reino. Que deposite nele toda a confiança. Um sinal igualmente perturbador para os dias de hoje. Imaginemos alguém na Assembleia da República que em vez de discutir

um sistema social, o papel do Estado, dissesse qualquer coisa como “vamos ser ponderados e confiar”.

S. Paulo diz-nos que ser escolhidos por Deus para ser seus servos, não deve ser um sinal de extravagância, não nos devemos sentir como quem ganha a lotaria, pelo contrário é um sinal de humildade, é uma graça que devemos cumprir. Toda a epístola está escrita de modo a nos situarmos na posição de escolhidos e servos de Jesus, ao serviço Dele. Centrados no que é importante, no coração da nossa fé.

Este Natal gostaria de planear menos as refeições, o circuito das visitas familiares, as prendas. Gostaria de centrar tudo no silêncio e na confiança. Vou-me esforçar por criar uma atmosfera onde os que estão à minha volta possam escutar e discernir a voz de Deus. Possam senti-Lo connosco.

A nossa época tem necessidade de sabedoria

A educação da consciência moral, que torna o homem capaz de julgar e discernir os meios adequados para a sua realização segundo a verdade original, torna-se assim exigência prioritária e irrenunciável.

É a aliança com a Sabedoria divina que deve ser profundamente firmada de novo na cultura moderna. Cada homem foi feito participante desta sabedoria pelo ato criador do próprio Deus. Só na fidelidade a esta aliança as famílias de hoje estarão à altura de influenciar positivamente a construção de um mundo mais justo e fraterno.

“A Família Cristã-Familiaris Consortio”,
Papa João Paulo II, S.J., Ed. A.O.

parte II

Natal

O poder do Natal

- Is 52,7-10 «No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio
Sl 97, 1-6 Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à
Hb 1, 1-6 existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos
Jo 1, 1-18 homens. A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam. Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este

vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz. O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a quantos o receberam, aos que nele creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.» (Jo 1, 1ss)

Nos tempos que correm, como viver o Natal?



ia devagar o Evangelho deste dia de Natal, já o tinha lido tantas vezes! Mas queria rezar desde essa Palavra de Deus que a Igreja nos propõe para entrar mais fundo na maravilha de compreender o porquê um Deus se faz um menino pequenino.

Ao ler, chamou-me a atenção uma frase *“A quantos o receberam, aos que nele creem deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”*

Num momento que todos desejamos poder, poder aquisitivo, poder de mandar, poder de força, poder ser o primeiro, que tipo de poder nos pode dar uma criancinha recém-nascida?

Faço uma composição do lugar: uma cova, palha, paredes de pedra, cheiro a humidade, a animais, frio, escuridão, um homem e uma mulher jovens e pobres, parecem cansados, uma criancinha entre as palhas, pequenina, parece que acaba de nascer, chorinca irrequieta.

Volto a ler Jo 1, 1..., que conta a história desta criança... mas não devo estar confusa? É mesmo desta criancinha que fala?... Eu vejo solidão, desamparo, pobreza; e a Palavra de Deus diz que *“Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens.”* E continua a dizer que vai brilhar nas trevas, *“era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina”* (Jo 1, 1-10)

É algo tão diferente do modo como eu e todos nós vemos as coisas que tem de ser verdade, porque ninguém poderia imaginar algo assim, se não fosse verdade. Ninguém, olhando para a realidade desta cena, podia pensar que aí está a razão da nossa existência, que só Ele dá sentido às nossas vidas,

que Ele é a nossa vida, que com Ele todas aquelas trevas que provocam os medos, as tristezas, a solidão, a impotência, as injustiças são vencidas.

Se tudo isso é verdade, têm razão em dizer que se acreditamos nele e acolhemos este menino temos muito poder, “O PODER DE NOS TORNARMOS FILHOS DE DEUS”. E como Jesus ser luz, ser esperança, ser aconchego, ser criadores de paz, ser resposta de vida, ser verdade, ser tudo aquilo que precisamos para viver: nós e todos os que estão à nossa volta.

Para o momento histórico que vivemos, de pobreza, de angústia, de crise total (não só económica), de injustiças tão grandes, de poderes tão frustrantes, de desânimos tão desesperadores, de túneis sem saída, nada tem mais sentido e melhor solução que o Poder do Menino de Belém, que nós teremos, se neste Natal O acolhermos na nossa vida. Deus não poderia tê-lo dito melhor nem com mais clareza: assim é o que diz nesta segunda leitura do dia de Natal: *“Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, ..., Deus falou-nos por meio do Filho, ... que é resplendor da sua glória”* (Heb 1, 1-3)

A nós, só nos resta vivê-lo e anunciá-lo porque é o que o nosso mundo precisa, como também diz a primeira leitura do Profeta Isaías: *“Que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que apregoa a boa-nova e que proclama a salvação!”* (Is 52, 7)



*Estar inteiro no que faço
É Natal e por esse Mundo,
Quantos Corações sem Esperança
Quantas Lágrimas Rolando
Num Rostinho de Criança*

*Quanta Criança Descalça,
Rotinha, Magra, Faminta,
Apelando para o Mundo
Na Rua Estende a Mãozita...*

*Ah se eu fosse Poderosa
Bem Mais do que um Simples Ser,
Não Haveria no Mundo
Uma Criança a Sofrer*

*Por isso meu Bom Jesus
Quando o Sino Badalar
Vou fazer uma Oração
Tua Imagem Adorar*

*Pedirei Paz para o Mundo
Muito Amor para os Pequeninoss
Alegria para os que Choram
E Pão para os Pobrezinhos*

*E Ajudando os que Sofrem
A Cada um Dando a Mão
Passaremos um Natal
Com mais Paz no Coração.*

Maria da Luz Pedrosa

A Sagrada Família e nós

Sir 3,3-7.14-17 «Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa.

Sl 127 (128) Quando Ele fez doze anos, subiram até lá, como era costume nessa festa. Quando eles

Cl 3,12-21 regressavam, passados os dias festivos, o Menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que

Lc 2,41-52 seus pais o soubessem.

Julgando que Ele vinha na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-l'O

entre os parentes e conhecidos. Não O encontrando, voltaram a Jerusalém, à sua procura. Passados três dias, encontraram-n'O no templo, sentado no meio dos doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos aqueles que O ouviam estavam surpreendidos com a sua inteligência e as suas respostas.

Quando viram Jesus, seus pais ficaram admirados; e sua Mãe disse-Lhe: «Filho, porque procedeste assim connosco? Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura». Jesus respondeu-lhes: «Porque Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?» Mas eles não entenderam as palavras que Jesus lhes disse.

Jesus desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua Mãe guardava todos estes acontecimentos em seu coração. E Jesus ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.» Lc 2,41-52

Como Cristãos, o que deve ser prioritário na nossa vida?

E o que tem sido prioritário na minha vida?

Como é a minha vivência na família à qual pertencço?

Penso em como poderei contribuir para melhorar a minha vida familiar?

Como poderei sensibilizar para a importância da família as pessoas com quem convivo diariamente, amigos, colegas, alunos, pais, etc?



Esta leitura transparece claramente quão importante foi que José compreendesse o que ia suceder com Maria e a acompanhasse. E como era importante que estivesse com Maria e Jesus e que Jesus pudesse, assim, nascer no seio de uma família no âmbito da qual pudesse ter o apoio e exemplo de Maria e de São José.

Esta leitura evidencia bem o quão importante é este modelo cristão de família, personificado na Sagrada Família. Nesta época em que preparamos o Natal e em que se fala tanto de Família temos uma oportunidade para reflectir na nossa própria Família e, tendo presente a Sagrada Família, tentar perceber em que é que nos aproximamos e nos afastamos da sua vivência e no que é que podemos fazer para nos aproximarmos mais de um modelo familiar que permite que nos estructuremos como cristãos e nos prepara para o ser verdadeiramente em todos os contextos da nossa vida, nomeadamente a nível profissional e social.

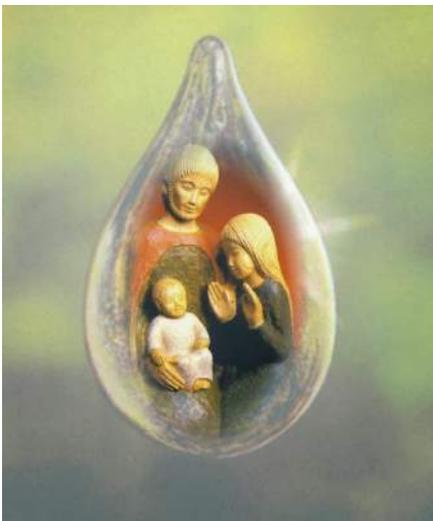
É tanto mais evidente a necessidade de salvaguardar a família quanto maiores são os desafios que à mesma se colocam pela forma como está estruturada a nossa sociedade atualmente. Uma sociedade que valoriza tanto o ter em

detrimento do ser e em que a família é muitas vezes encarada como prejudicial à ascensão profissional e prejudicada por esse mesmo motivo.

Neste contexto, não consigo deixar de partilhar convosco o sentido de uma conversa que, há poucos dias, ocorreu no local onde trabalho.

A conversa surgiu no contexto do regresso de um colega ao trabalho após ter gozado o período de licença de paternidade. Estava a falar com uma outra colega, mais nova que ainda não teve filhos, e a queixar-se que se sente uma grande hostilidade nas empresas relativamente à família, hostilidade essa de que se apercebia agora que começava uma nova vida com o nascimento do seu primeiro filho.

A colega com quem ele falava, que tem cerca de 34 anos, respondeu-lhe que na empresa onde anteriormente tinha trabalhado só progredia profissionalmente quem não tivesse filhos ou, tendo-os tido, se isso não prejudicasse



minimamente o exercício da sua actividade profissional. E que o que as pessoas faziam era tentar progredir profissionalmente e depois optar ter filhos pois, caso contrário, a referida ascensão profissional não seria possível.

Urge, pois, reflectir no que é que, como Cristãos, deve ser prioritário na nossa vida.

Outro apontamento que queríamos deixar é que quando o Papa Francisco determinou que a invocação de S. José fosse incluída expressamente nas orações eucarísticas, ao lado de Jesus Cristo e Nossa Senhora reforçou a possibilidade de aproximação do nosso modelo de família à Sagrada Família.

Esta identidade é, aliás, evidente se pensarmos nos presépios que têm tido um acolhimento crescente nas nossas casas e no que sentimos ao olhar para eles. Na sua simplicidade transmitem-nos, nomeadamente, segurança e salientam o essencial que é a presença da família que cuida e ampara com os meios que tem ao seu alcance, e que até podem não ser materialmente significativos, mas são profundamente valiosos.

Temos, na Bíblia, inúmeras referências à proximidade de Jesus com a Sua família. Pensemos, por exemplo, nas bodas de Canã em que, contra a vontade inicialmente sugerida, Jesus acaba por fazer a vontade a Sua mãe.

Desta forma, numa época em que tantos poderes e contra-poderes, concorrem com a Família, é bom ver a *Família Cristã Modelo* devolvida à sua integralidade, num culto que propicie a Comunhão entre o amor humano e o amor divino.

Oração à Sagrada Família

Ó Sagrada Família de Nazaré, ensina-nos o recolhimento, a interioridade; dá-nos a disposição de ouvir as boas inspirações e as palavras dos verdadeiros mestres.

Ensina-nos a necessidade do trabalho de preparação, de estudo, da vida interior pessoal, da oração, que só Deus vê secretamente. Ensina-nos o que é família, sua comunhão de amor, sua beleza simples e austera, seu caráter sagrado e inviolável.

Deus Pai, nós te pedimos pela nossa família. Queremos ser uma pequena Igreja doméstica e que nosso lar reflita o amor com que nos criaste, livre e fortalecido. Ajuda-nos a nos mantermos unidos e a viver a nossa fé comum nesta sociedade que não favorece os valores familiares.

Que sejamos capazes de nos amar, cada dia mais, sabendo compartilhar, com generosidade, os bens materiais e espirituais. Ensina-nos a crescer na santidade de vida.

Que os mais velhos saibam dar bom exemplo no cumprimento dos seus deveres cristãos. E que os mais jovens aprendam a viver no amor e a descobrir a sua própria vocação na vida.

Dá-nos força para viver um amor incansável, sendo solidários com outras famílias necessitadas de pão, justiça, amor e compreensão.

Virgem Maria, Mãe da Igreja, protege-nos e dá-nos o amor com que Cristo nos amou. Amém

Oração da Família

*Ó Deus de Quem procede
toda a paternidade no céu e na terra,
faz com que nesta terra, por Teu Filho Jesus
Nascido de mulher e pelo Espírito Santo,
Fonte de Caridade Divina, cada família humana
se torne um verdadeiro santuário de vida e amor
para as gerações que se renovam sem cessar.*

*Que a Tua Graça oriente os pensamentos
e as acções dos esposos para o bem das suas
famílias e de todas as famílias do mundo.*

*Que as jovens gerações encontrem
na família um apoio inquebrantável
que as torne sempre mais humanas
e as faça crescer na vida e no amor.*

*Que o amor, fortalecido pela Graça
do sacramento do Matrimónio,
seja mais forte do que toda a fraqueza
e crises conhecidas pela nossa família.*

*Enfim, pedimos-Te, por intercessão
da Sagrada Família de Nazaré,
que, em todas as nações da terra,
a Igreja possa cumprir com fruto a sua missão
na família e pela família.*

Deus espera o teu presente!

- Is 60, 1-6 «Vieram magos do oriente a Jerusalém, perguntando onde está o rei dos judeus recém-nascido? (...) com efeito, vimos a sua estrela no ressurgir e viemos homenageá-lo»
- Sl 71, 2.7-8, 10-11.12-13 «E eis que a estrela que tinham visto no seu surgir ia à frente deles, até que parou sobre o lugar onde estava o Menino... viram o Menino com Maria, sua mãe, e prostrando-se, homenagearam-no. Em seguida, abriram os seus cofres e ofereceram-lhes presentes: ouro, incenso e mirra»
- Ef 3, 2-3.5-6
- Mt 2, 1-12

Os magos vieram prestar homenagem a Jesus, ao Deus Menino... como posso prestar a minha homenagem a Deus hoje? Na minha vida?

“(...) ofereceram-lhes ouro, incenso e mirra” – O que temos de tão íntimo, de tão pessoal para oferecer hoje ao Senhor?... É que Ele espera o meu presente, o meu sim, a minha ação, a minha conversão, a minha companhia, a minha esperança ...!

“Ao verem a estrela, alegraram-se imensamente”: a alegria de nos encontrarmos com Deus faz nascer em nós a esperança. Que esperança nasce hoje para a minha vida?

Já li imensas vezes estas leituras e confesso que se torna custoso tornar a lê-las sem cair na tentação de rezar o mesmo. Por isso, tenho pedido muito ao Senhor que me ajude a encontrar novidade: ouvir o que Ele tem para me dizer hoje, agora, mesmo que ainda falte tanto tempo para este domingo!

Sempre achei fascinante nesta leitura do Evangelho o facto dos reis magos seguirem uma estrela: não foi uma estrela qualquer mas esta estrela... como foram eles capazes de a distinguir no meio de tantas outras? Como somos capazes de distinguir o caminho que Jesus nos propõe no meio de tantos outros que podemos seguir? Como podemos ver a Luz de Jesus no meio das nossas trevas? Das nossas tribulações, das nossas crises?

Fiz um retiro há pouco tempo e nele falámos muito do lema da nossa comunidade este ano e também falámos da tribulação, da crise, dos momentos escuros que todos vivemos: os que somos diretamente afetados pela crise económica, pelo desemprego, pela divisão da nossa família, mas também daqueles que vamos vivendo os dias com uma certa angústia do que estará por vir, que ainda temos emprego mas que a qualquer momento podemos ficar sem ele... dos que andamos em crise, porque precisamos de encontrar caminhos novos, de nos reinventar, de nos encontrar no nosso projeto de vida, agora que temos outra idade, outras responsabilidades, filhos... e nesse retiro, desafiaram-nos a entrar na noite – literalmente: saímos da capela e esperarmos pelo escuro, pelo anoitecer, pela escuridão. E eu, como muitos outros lá fui para fora... e descobri que, apesar do meu medo, da minha inquietude, das minhas distrações, dos meus moralismos, apesar das sombras que os caminhos

têm, o escuro à nossa volta pode ter tantas luzes quando estamos na companhia do Senhor! Quando nos sentimos acompanhados por Deus, quando também nós somos companhia de alguém! E quando conseguimos olhar mais longe, olhar para cima, olhar, confiando que Aquele em quem acredito, olha também por mim!



Os magos vieram prestar homenagem a Jesus, ao Deus Menino... a quem presto eu hoje homenagem? Ao dinheiro? À rotina? Ao medo? À crise?... Como posso prestar a minha homenagem a Deus hoje? Na minha vida?

É curioso como às vezes me sinto um pouco como Herodes, “alarmada” quando alguém ou alguma coisa me destabiliza, me faz questionar o rumo que estou a seguir; quando me falam em Deus, quando eu (que descobri: sou moralista comigo própria) falo de Deus e de como deveria ser... quando olhamos para o que vivemos e nos descobrimos instalados na nossa vida, nas nossas rotinas, nos nossos poderes, nos nossos controlos... como posso viver mais para Jesus e

menos para o (meu) mundo?

“(...) *ofereceram ouro, incenso e mirra*” – bem sei que estas três coisas têm um significado específico, mas eu gosto de pensar que simbolizam aquilo que cada um de nós tem para oferecer ao Senhor... assim como assim, o texto diz que os reis abrem os cofres que trazem consigo – nós também por vezes trazemos o nosso coração num cofre, muito bem guardado... abrimos o nosso coração a Jesus? O que temos de tão íntimo, de tão pessoal para oferecer hoje ao Senhor?... é que Ele espera por cada um e não lhe é indiferente que seja eu a dar ou outro qualquer – Ele espera o meu presente, o meu sim, a minha ação, a minha conversão, a minha companhia, a minha esperança!...

“*Ao verem a estrela, alegraram-se imensamente*”... nós já estamos alegres porque nos encontramos com Jesus no dia de Natal – que esperança me traz este (re)encontro com Jesus? Que esperança nasce para a minha vida hoje?

Às vezes tenho a ideia de que uma vida cristã é uma vida sem problemas, cheia de ânimo todos os dias, sem perder oportunidades de encontrar Jesus e ver sinais Dele à minha volta, mas, será? Ou será seguir a estrela, sabendo que nos dias de nevoeiro, na escuridão ela está lá – Jesus está lá mesmo que eu não o veja e precise de umas lentes gigantescas nos meus olhos e precise de uma força enorme para levantar a cabeça e olhar para o céu, olhar para além de mim, pelos que me rodeiam. Jesus está – e eu? Quero tanto estar Senhor!

Um destino para além de todas as expectativas humanas

Há uma lenda do Oriente sobre um viajante que se dirigia para uma grande cidade. Uma noite conheceu dois outros caminhantes. Um chamava-se Medo e outro Calamidade. Calamidade explicou ao viajante que, quando chegassem ao destino, esperava-se que matassem 10 mil pessoas. O viajante perguntou a Calamidade se iria encarregar-se sozinho de toda a matança. “Não, de todo”, respondeu Calamidade. “Eu só vou matar umas centenas. O meu amigo Medo acabará com os restantes.”

Quanto da nossa vida é morta ou roubada pelo medo? Não aqueles medos de coisas como um holocausto nuclear, mas medos pequenos e insignificantes que lentamente devoram as melhores partes da vida: Será que o novo professor me vai detestar? De certeza que eles vão gozar com o meu discurso? Vou reprovar no exame!

Mas o medo não é o único ladrão que se esconde dentro de nós. Há um exército inteiro de pequenos parasitas que nos podem enganar: ressentimentos causados por desfeitas ocorridas há muito tempo; zangas originadas por disputas fúteis; competição cruel por coisas secundárias; cortes de relações motivadas por teimosias acerca de questões irrisórias; decepções que debilitam toda a existência.

Como é que podemos escapar das garras deste ardiloso bando de gatunos? Podemos começar por fazer algo muito simples: levantar os olhos e olhar para o céu. Há 50 biliões de galáxias no espaço, algumas afastando-se de nós a milhões de km por hora! Com o telescópio Hubble podemos ver a luz que as estrelas mais distantes emitiram há 12 biliões de anos! Algumas já morreram há milhões de anos mas só agora é que a sua luz chega até nós. Parece que este imenso universo

não tem fim, não tem margens, não tem limites! E ainda assim, com toda a sua vastidão e idade, não passa de uma criação, de algo feito por alguém.

E sobre este alguém, o Criador? Chamamos-lhe “Deus”, mas na verdade Ele é demasiado grande para ser nomeado ou sequer imaginado. Diante do Criador deste imenso e antigo universo, parecemos apenas pontinhos minúsculos. Mas mesmo assim Ele diz-nos que o nome de cada um de nós está escrito na palma da sua mão e que conhece todos os cabelos da nossa cabeça. Para além de toda a compreensão, chama-nos “filhos” e quer que façamos parte da sua família para a eternidade.

O que é que devemos temer? Se deixarmos que Deus seja Deus para nós, de que é que devemos ter medo? Quem nos pode tirar a vida? Ou a alegria? Ninguém, a não ser nós próprios!

Somos feitos à semelhança de Deus, com o poder de amar e dar vida e felicidade. O nosso trabalho para toda a vida, cada um à sua maneira, é este: darmos a vida uns pelos outros tal como Deus no-la dá continuamente.

O nosso destino está para além de todas as expectativas humanas. Que neste dia e para sempre Deus nos ajude a ser fiéis a esse fim último.

(P. Dennis Clark, In Catholic Exchange / © SNPC (trad.)
| 07.11.10)

Deus precisa de ti!

Is. 42,1-4.6-7 « E o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do

Sl 28 Céu veio uma voz: "Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado."» Lc 5, 22

Act. 10,34-38

Lc 3,15-16.21-22 «Sabeis o que aconteceu por toda a Judeia: Jesus da Nazaré (...) como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, ele que passou fazendo o bem e curando a todos (...) porque Deus estava com ele.» Act 10, 37-38

Esta é a experiência fundamental de Jesus: é o Seu chão. Sobre que chão me construo como pessoa e como cristão?

Jesus vive esta certeza: que Deus estava sempre consigo, o acompanhou ao longo de toda a sua vida, incluindo nos Seus momentos de crise, de tribulação. Também me experimento acompanhado? Deixo que o Senhor me acompanhe?



o batismo de Jesus, Deus diz-lhe: “*Tu és o meu filho muito amado*” e esta é a experiência fundamental de Jesus: é o seu chão. É o que possibilitou a Jesus viver a tribulação com serenidade e de forma estruturada, respondendo sempre com o bem.

Ora hoje isto nos diz Deus: “*Tu és o meu filho muito amado*” e este deveria ser o nosso chão, a nossa certeza sempre, mesmo nos momentos de escuridão.

Esta experiência de nos experimentarmos filhos amados por Deus é o que nos pode dar a nossa imagem correcta de quem somos, e nos pode tirar os problemas de baixa auto-estima, as inseguranças, a falta de liberdade perante os outros e o que nos pode tornar capazes de amar.

A segunda leitura diz-nos que “*Deus ungiu com a força do Espírito Santo a Jesus, que passou fazendo o bem e curando porque Deus estava com ele*”. Ora esta, creio que terá sido a segunda experiência fundamental de Jesus, outro chão: a certeza que Deus estava com ele. Ele não ia sozinho, não fazia caminho sozinho e esta deveria ser também a nossa certeza: que Deus está sempre connosco mesmo que eu não o veja, mesmo que não o sinta. Ele está... como no poema das pegadas na areia e nessas alturas Ele leva-nos ao colo.

Hoje, ao rezar esta leitura de Isaías reparava: “*Eis o meu servo, a quem protejo, o meu eleito, para que leve a justiça às nações. Não gritará nem levantará a voz*”... Estamos tão habituados a outro tipo de poder! ... Mas Deus desafia-nos ao poder do amor; não é preciso gritar, porque é a justiça do amor e o amor revela-se sem espalhafato.

E continua: *"Não desfalecerá nem desistirá enquanto não estabelecer justiça na terra."*

Às vezes, olhar o nosso mundo dá vontade de desistir, para mais quando os noticiários só passam o negativo, o que choca pela negativa, só passam o desamor, a traição, a corrupção, a injustiça, o egoísmo, mas essa não é a realidade completa... outro dia na vigília dos votos perpétuos da Teresa via tantos jovens comprometidos... e essa também é a realidade de um Deus que vai trabalhando e crescendo dentro de tanta gente! ... E por isso, a realidade é também todos esses atos de amor escondidos por esse mundo fora.

Deus não desfalece nem desiste de nós (de cada um de nós), nem do mundo e por isso nos propõe que também nós não desistamos de lutar por este reino de amor e justiça que Ele sonhou.

Num retiro que fui diziam: "Deus ama o mundo como no 1º dia que o criou"... e como na leitura de Jeremias, mesmo quando a peça sai defeituosa (como está o nosso mundo, ou mesmo às vezes cada um de nós) ele amassa-a: não desiste dela e faz outra peça diferente.

Mesmo neste mundo, mesmo no pecado, no defeito. Deus quer estar e fazer nascer vida aí e quer precisar de mim como precisou de Jesus.

Hoje nós somos a possibilidade de Deus se manifestar ao mundo através da nossa vida.

Pegadas na areia

Uma noite eu tive um sonho...

*Sonhei que estava andando na praia com o Senhor
E no céu passavam cenas de minha vida.*

*Para cada cena que passava,
Percebi que eram deixados dois pares de pegadas na
areia:*

Um era meu e o outro do Senhor.

*Quando a última cena da minha vida passou diante de
nós, olhei para trás,*

*Para as pegadas na areia, e notei que muitas vezes,
No caminho da minha vida, havia apenas um par de
pegadas na areia.*

*Notei também que isso aconteceu nos momentos mais
difíceis*

E angustiantes da minha vida.

*Isso aborreceu-me deveras e perguntei então ao meu
Senhor:*

*- Senhor, tu não me disseste que, tendo eu resolvido
seguir-te,*

Tu andarias sempre comigo, em todo o caminho?

*Contudo, notei que durante as maiores tribulações do
meu viver,*

Havia apenas um par de pegadas na areia.

*Não compreendo por que nas horas em que eu mais
necessitava de ti,*

Tu me deixaste sozinho.

O Senhor me respondeu:

*- Meu querido filho, jamais te deixaria nas horas de
prova e de sofrimento.*

Quando viste na areia, apenas um par de pegadas, eram as minhas.

Foi exactamente aí, que te carreguei nos braços.

(Mary Stevenson, a partir do texto original 1936)



parte III

Introdução

Acabado o Ano da Fé, não podemos deixar de continuar a alimentá-la. E é importante escutarmos o que a Igreja nos vai dizendo, nos tempos que vivemos; isso possibilita encarar a realidade com um olhar que só da fé pode vir.

Desta vez, oferecemos-vos uma síntese e um excerto do início da encíclica *Lumen Fidei* (A luz da Fé), começada pelo Papa Bento XVI e concluída pelo Papa Francisco.

Além disso – sabendo que a fé supõe respostas dadas através da vida – publicamos dois textos que apontam para formas de resposta à vocação pessoal. Um deles é ainda um documento do Magistério: a homilia que o Papa fez em Roma, em finais de outubro passado, na Jornada da Família. O outro é o testemunho da Teresa Pinho, missionária *Verbum Dei*, aquando dos votos perpétuos, celebrados em Lisboa, também em outubro último.

Um dia, os apóstolos de Jesus pediram-lhe: “Senhor, aumenta a nossa fé.” (Lc 17, 5). Que seja esta também a nossa oração.

“Aprender a cuidar é a melhor forma de curar”

Teresa Pinho, missionária Verbum Dei
Ação de graças na celebração dos seus Votos Perpétuos
(19 Out 2013, Paróquia do Campo Grande, Lisboa)

Venho agradecer. É a única coisa que posso fazer neste momento e é a única que quero fazer. Quero agradecer e tenho muitos motivos para o fazer.

O primeiro deles: quero agradecer o dom da vida. Nunca como agora vivo a alegria tão grande de estar viva e de poder viver o que vivo, poder desejar o que Deus quer, poder querer o que Deus quer para mim e poder vivê-lo, porque podia não o poder viver, mas posso... Nos últimos dias tenho pensado muito nisto... Realmente é uma maravilha viver! Viver é muito bom! Eu estou muito feliz por poder viver a vida que vivo!

Também quero agradecer a vida que tive. Está aqui a minha família hoje e a eles se deve muito daquilo que eu sou. Eu tive uma infância de sonho. Sou a mais nova de cinco irmãos, eles estão por aqui. Fui a mimada de lá de casa, acho eu. Diverti-me muito! Tive mais sorte do que vocês jovens de Lisboa porque tinha campo, rio e bicicleta! Imaginem a combinação dessas três coisas! A minha vida foi muito boa, a minha infância foi muito boa e eu tenho a certeza que o meu futuro também o será! E é isso que eu quero agradecer a Deus: poder viver e viver tão bem, tão bem.

Em segundo lugar quero agradecer à minha família que está aqui hoje. O meu irmão Carlos esta semana mandava-me uma mensagem e eu gostei muito do que ele disse. Dizia:

temos convicções diferentes, mas gostamos muito uns dos outros... E para mim a presença deles hoje aqui é a maior prova de que gostamos muito uns dos outros. E eu quero agradecer-lhes muito porque o que sou deve-se também a eles. Deixaram uma marca muito importante em mim e eu espero também poder deixar uma marca importante neles. Quero agradecer também ao meu pai, ao nosso pai que não está cá mas que está de certeza unido desde o céu. Também ele deixou uma marca importante na minha vida e em todos nós. Quero agradecer também à minha irmã Tininha e ao Dujó que estão a acompanhar-nos desde a Nova Zelândia (e lá são 5h30 da manhã), e também a todas as pessoas que me acompanharam em todo o mundo através da transmissão em direto desta celebração.



Em terceiro lugar quero agradecer à minha grande comunidade Família Verbum Dei. Foi nesta comunidade que eu descobri que era importante para Deus, descobri que era amada, descobri que a minha vida, apesar de tantas limitações que tem, tem muitas potencialidades que eu posso colocar ao serviço. Foi nesta comunidade que descobri isso. Foi esta comunidade que acreditou em mim, que me

acompanhou, que me transmitiu este carisma da evangelização que me apaixonou tanto. Quero agradecer a todas as comunidades pelas quais passei, pequeninas comunidades da Verbum Dei, começando pelos missionários. Tenho a sorte de ter aqui uma equipa, como dizia o Pe. Vítor. Está aqui o Henrique, uma das pessoas que me conheceu nos inícios da minha vocação. Estão aqui os missionários do Porto. Muito obrigada, foi aí que nasceu em mim este sonho. Quero agradecer muito às comunidades do México onde vivi (Léon Guanajuato, Ixtlahuacán de los Membrillos, Guadalajara), quero agradecer também à comunidade de Singapura onde vivi um ano (e fez-me tão bem viver lá aquele ano!). Quero agradecer muito e muito especialmente à minha comunidade de Lisboa! Estas quatro senhoras incansáveis que andam por aqui e que eu vi terem energias supra humanas durante esta semana. Muito obrigada a todos aqueles que me acompanharam ao longo do meu caminho como missionária, a cada acompanhante espiritual, a cada pessoa com quem partilhei.

Quero agradecer muito especialmente ao Pe. Vítor que está aqui hoje a presidir a esta celebração, a fazer as vezes dele e as vezes do D. António Marcelino, de quem éramos grandes amigos, ambos. Quero agradecer-lhe não só por estar aqui a presidir hoje à celebração mas por ser quem nos acolhe a cada dia nesta paróquia, nesta casa, por nos animar, por nos encorajar, e porque eu olho para si e tenho vontade de ser missionária! Muito obrigada!

Quero agradecer também de uma maneira muito especial ao D. António Marcelino, que está aqui connosco. Ele prometeu-me que ia estar muito unido! Foi a penúltima coisa que me disse quando nos despedimos um do outro no Hospital de Coimbra. Quero agradecer-lhe a ele porque foi uma pessoa

muito importante na minha vida e ele sabe disso.

Quero agradecer muito a todos os padres que estão aqui a concelebrar. Ver-vos aqui dá-me muita força! Isto por alguma coisa deve ser! Muito obrigada!

Quero agradecer muito também à paróquia do Campo Grande que é esta minha segunda, terceira, quarta e quinta casa, já não sei bem. E quero agradecer por tudo, por tudo: desde a entrada (o Sr. Madaleno e o Sr. Ramos) até ao último gabinete do quinto andar. Muito obrigada a todos. Não vos posso nomear a cada um senão não vamos lanchar, mas muito obrigada a todos por serem a minha casa, por me acolherem aqui e por me fazerem sentir que vale a pena entregar a vida.

Quero agradecer muito também a todos vocês aqui presentes. Estava ali a rir-me de alegria porque sinto que tenho a sorte de ter aqui hoje comigo as pessoas mais importantes da minha vida. As pessoas que de alguma maneira me marcaram e a quem eu tenho a certeza que também marquei. E isso é um grande privilégio. Agradeço muito a todos a vossa presença, também às missionárias que vieram de Espanha (à Pilar que veio de Salamanca, à Carmina, ...) a tanta gente que não posso nomear um por um. Muito obrigada!

E um obrigado muito especial aos jovens, que são o meu coração, são o meu coração. Tenho a sorte de os poder acompanhar aqui no meu trabalho pastoral na paróquia e também tenho a sorte maior de ser acompanhada por eles. E eu isso não vos sei explicar, mas é alguma coisa muito grandiosa. A vida partilhada faz muito sentido, muitíssimo mais sentido! Muito obrigada!

Quero agradecer também a quantos vieram de longe, e bastante longe! Não sei se vou recordar todos os lugares agora, mas estão cá pessoas de Viana do Castelo, do Porto, de Aveiro, de Oliveira do Bairro a minha amada cidade, Coimbra, Tomar, Lisboa, Campo Maior-Elvas que chegou aqui há pouco com um autocarro, Madeira, Espanha, México... Muito obrigada a todos.

Queria agradecer também de maneira especial à minha grande Família Verbum Dei de Lisboa que permitiu hoje esta celebração e a festa que vamos ter a seguir. Um obrigado especial ao "Grupo O" que foi incansável nos preparativos. E um obrigado muito especial a este coro tão bonito! Soa a céu!

Obrigado a todos e todas e queria terminar pedindo. Ontem, na despedida de solteira que os jovens prepararam, perguntaram-me: Teresa, queres pedir-nos alguma coisa? E eu pedi! Pedi três coisas, mas hoje só vou pedir uma, vou ser um bocadinho mais comedida. No funeral do D. António Marcelino, em Aveiro, o D. António Francisco, que é o atual



bispo de Aveiro, contou-nos uma experiência muito bonita que ele viveu no hospital nos últimos dias de vida do D. António Marcelino. Ao vê-lo a debilitar-se de dia para dia, e ao sentir que não podia fazer nada, o D. António Francisco experimentou na pele o desespero de querer curá-lo e não poder. E ao ver uma médica que estava lá a cuidar do D. António, a limpá-lo, a cuidar dele com todo o carinho, ele espontaneamente foi ter com ela e disse-lhe: Doutora, eu se pudesse queria curar o D. António. Mas uma vez que não o posso curar, ao menos ensine-nos a cuidar dele assim como você cuida. E ela respondeu-lhe: olhe Sr. Bispo: aprender a cuidar é a melhor forma de curar.

E ele contou-nos isto com toda a intensidade que este momento teve para ele. Eu ouvi, guardei, e isto transformou-se também em algo muito intenso para mim. “Aprender a cuidar é a melhor forma de curar”. E eu o que vos queria pedir era isto mesmo: podemos viver tão bem se cuidarmos uns dos outros. Podemos viver tão bem se cuidarmos uns dos outros. Então peço-vos: por favor, cuidem bem de mim que eu vou tentar cuidar bem de vocês.

SANTA MISSA PARA A JORNADA DA FAMÍLIA POR OCASIÃO DO ANO DA FÉ HOMÍLIA DO PAPA FRANCISCO

Praça de São Pedro
Domingo, 27 de Outubro de 2013

As leituras deste domingo convidam-nos a meditar sobre algumas características fundamentais da família cristã.

1. A primeira: *a família reza*. A passagem do Evangelho destaca dois modos de rezar: um falso – o do fariseu – e outro autêntico – o do publicano. O fariseu encarna uma postura que não expressa tanto agradecimento a Deus pelos seus benefícios e pela sua misericórdia, como, sobretudo, autossatisfação. O fariseu sente-se justo, com a consciência tranquila, vangloria-se disto e julga os demais do alto do seu pedestal. O publicano, ao contrário, não multiplica as palavras. A sua oração é humilde, sóbria, pautada pela consciência da própria indignidade, das próprias misérias: este homem verdadeiramente reconhece-se necessitado do perdão de Deus, da misericórdia de Deus.

A oração do publicano é a oração do pobre, é a oração agradável a Deus que, como fala a primeira leitura, *subirá até as nuvens* (cf. Eclo 35, 20), enquanto a oração do fariseu está sobrecarregada pelo peso da vaidade.

À luz desta Palavra, queria perguntar-vos, queridas famílias: Rezais algumas vezes em família? Alguns, eu sei que sim. Mas, muitos me perguntam: Mas, como se faz? Faz-se como o publicano, está claro: com humildade, diante de Deus. Cada

um, com humildade, deixe-se olhar pelo Senhor e peça a sua bondade. Mas, na família, como se faz? Porque parece que a oração é uma coisa pessoal; além disso, nunca se encontra um momento oportuno, tranquilo, em família... Sim, isso é verdade, mas é também questão de humildade, de reconhecer que precisamos de Deus, como o publicano! E todas as famílias, todos nós precisamos de Deus: todos, todos! Há necessidade da sua ajuda, da sua força, da sua benção, da sua misericórdia, do seu perdão. E é preciso simplicidade: para rezar em família, é necessária simplicidade! Rezar juntos o “Pai Nosso”, ao redor da mesa, não é algo extraordinário: é fácil. E rezar juntos o Terço, em família, é muito belo; dá tanta força! E também rezar um pelo outro: o marido pela esposa; a esposa pelo marido; os dois pelos filhos; os filhos pelos pais, pelos avós... Rezar um pelo outro. Isto é rezar em família, e isto fortalece a família: a oração.



2. A segunda Leitura sugere-nos outro ponto: *a família guarda a fé*. O apóstolo Paulo, no ocaso da sua vida, faz um balanço fundamental, e diz: « guardei a fé » (2Tm 4,7). Mas, como a guardou? Não em um cofre! Nem a escondeu debaixo da terra, como o servo um pouco preguiçoso dos talentos. São Paulo compara a sua vida com uma batalha e com uma corrida. Guardou a fé, porque não se limitou a defendê-la, mas anunciou-a, irradiou-a, levou-a longe. Opôs-se de modo decidido aqueles que queriam conservar, “embalsamar” a mensagem de Cristo nos limites da Palestina. Por isso, tomou decisões corajosas, penetrou em territórios hostis, deixou-se atrair pelos que estavam longe, por culturas diferentes, falou francamente, sem medo. São Paulo guardou a fé, porque, como a tinha recebido, assim a entregou, dirigindo-se às periferias, sem se fincar em posições defensivas.

Aqui também, podemos perguntar: De que modo nós, em família, guardamos a nossa fé? Conservamo-la para nós mesmos, na nossa família, como um bem privado, como uma conta no banco, ou sabemos partilhá-la com o testemunho, com o acolhimento, com a abertura aos demais? Todos sabemos que as famílias, sobretudo as jovens famílias, estão frequentemente “correndo”, muito atarefadas; mas já pensastes alguma vez que esta “corrida” pode ser também a corrida da fé? As famílias cristãs são famílias missionárias. Ontem escutamos, aqui na praça, o testemunho de famílias missionárias. Elas são missionárias também na vida quotidiana, fazendo as coisas de todos os dias, colocando em tudo o sal e o fermento da fé! Guardai a fé em família e colocai o sal e o fermento da fé nas coisas de todos os dias.

3. E há um último aspecto que tiramos da Palavra de Deus: *a família vive a alegria*. No Salmo Responsorial, encontramos

esta expressão: «ouçam os humildes e alegrem-se» (33,4). Todo este Salmo é um hino ao Senhor, fonte de alegria e de paz. Qual é o motivo desta alegria? É este: o Senhor está perto, escuta o grito dos humildes e liberta-os do mal. Como escrevia São Paulo: «Alegrai-vos sempre... O Senhor está próximo!» (Fl 4,4-5). Pois bem... gostaria de fazer uma pergunta hoje. Mas, cada um leva esta pergunta no seu coração, para a sua casa, certo? É como um dever de casa. E responde-se sozinho. Como se vive a alegria, na tua casa? Como se vive a alegria na tua família? Bem, dai vós mesmos a resposta.

Queridas famílias, como bem sabeis, a verdadeira alegria que se experimenta na família não é algo superficial, não vem das coisas, das circunstâncias favoráveis... A alegria verdadeira vem da harmonia profunda entre as pessoas, que todos sentem no coração, e que nos faz sentir a beleza de estarmos juntos, de nos apoiarmos uns aos outros no caminho da vida. Mas, na base deste sentimento de alegria profunda está a presença de Deus, a presença de Deus na família, está o seu amor acolhedor, misericordioso, cheio de respeito por todos. E, acima de tudo, um amor paciente: a paciência é uma virtude de Deus e ensina-nos, na família, a ter este amor paciente, um com o outro. Ter paciência entre nós. Amor paciente. Só Deus sabe criar a harmonia a partir das diferenças. Se falta o amor de Deus, a família também perde a harmonia, prevalecem os individualismos, apaga-se a alegria. Pelo contrário, a família que vive a alegria da fé, comunica-a espontaneamente, é sal da terra e luz do mundo, é fermento para toda a sociedade.

Queridas famílias, vivei sempre com fé e simplicidade, como a Sagrada Família de Nazaré. A alegria e a paz do Senhor estejam sempre convosco!

ENCÍCLICA LUMEN FIDEI – nota introdutória

É a primeira encíclica do Papa Francisco e a última de Bento XVI. O texto "Lumen Fidei" ("A luz da fé"), escrito a quatro mãos, marca o final de uma trilogia que o Papa emérito iniciou em 2005 sobre as três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade. Depois de Deus Caritas Est ("Deus é amor") e de Spe Salvi ("Salvos na esperança"), a encíclica sobre a fé começou a ser escrita por Bento XVI, que a queria publicar ainda este ano, em que se assinala o Ano da Fé e os 50 anos do Concílio Vaticano II. Depois de renunciar ao cargo, coube ao Papa Francisco a tarefa de a concluir.

A encíclica, de 80 páginas, começa uma longa resenha bíblica sobre a fé, desde Abraão até Cristo, para demonstrar que, ao longo da História, a fé abriu ao homem uma realidade maior do que ele próprio. O segundo capítulo é dedicado à relação entre fé e verdade - uma ideia necessária no mundo de hoje, escreve o Papa, "em que se vive uma crise de verdade". Segue-se uma reflexão sobre o diálogo possível entre fé e ciência. Para o sumo pontífice, a fé não pode ser intransigente, porque é a "verdade de um amor". E esta



postura de diálogo é válida também para com os não crentes: "A fé tem também a ver com a vida dos homens que, apesar de não acreditarem, desejam-no fazer e não cessam de procurar", escreve o Papa. Por outro lado, a fé não pode ser, para os cristãos, uma crença individualista. Para o Papa Francisco, é "impossível" que o Homem acredite sozinho. A fé "verifica-se sempre dentro da comunhão da Igreja". Segue-se um capítulo dedicado à transmissão da fé através dos sacramentos. A fé, continua o Papa, é promotora do bem comum e não uma imposição semelhante a um regime totalitário, sendo essencial à construção de uma sociedade que se pretende assente no amor, na verdade, na justiça e na paz. E é capaz de "valorizar a riqueza das relações humanas". Por isso, e por ser amor, interfere positivamente na construção das famílias, no casamento – a "união estável entre homem e mulher" – e na compreensão do sofrimento. Porque, sublinha o Papa, a fé abre sempre caminho à esperança.

<http://www.ionline.pt/artigos/mundo/lumen-fidei-enciclica-sobre-fe>

CARTA ENCÍCLICA LUMEN FIDEI – excertos

1. A luz da fé é a expressão com que a tradição da Igreja designou o grande dom trazido por Jesus. Eis como Ele Se nos apresenta, no Evangelho de João: «Eu vim ao mundo como luz, para que todo o que crê em Mim não fique nas trevas» (Jo 12, 46). E São Paulo exprime-se nestes termos: «Porque o Deus que disse: "das trevas brilhe a luz", foi quem brilhou nos nossos corações» (2 Cor 4, 6). No mundo pagão, com fome de luz, tinha-se desenvolvido o culto do deus Sol, *Sol invictus*, invocado na sua aurora. Embora o sol renascesse cada dia, facilmente se percebia que era incapaz de irradiar a sua luz sobre toda a existência do homem. De facto, o sol não ilumina toda a realidade e os seus raios são incapazes de chegar até às sombras da morte, onde a vista humana se fecha para a sua luz. Aliás «nunca se viu ninguém — afirma o mártir São Justino — pronto a morrer pela sua fé no sol».[1] Conscientes do amplo horizonte que a fé lhes abria, os cristãos chamaram a Cristo o verdadeiro Sol, «cujos raios dão a vida».[2] (...) Quem acredita, vê; vê com uma luz que ilumina todo o percurso da estrada, porque nos vem de Cristo ressuscitado, estrela da manhã que não tem ocaso.

Uma luz ilusória?

2. E contudo podemos ouvir a objeção que se levanta de muitos dos nossos contemporâneos, quando se lhes fala desta luz da fé. Nos tempos modernos, pensou-se que tal luz poderia ter sido suficiente para as sociedades antigas, mas não servia para os novos tempos, para o homem tornado adulto, orgulhoso da sua razão, desejoso de explorar de forma nova o futuro. Nesta perspectiva, a fé aparecia como

uma luz ilusória, que impedia o homem de cultivar a ousadia do saber. (...)

3. Por este caminho, a fé acabou por ser associada com a escuridão. (...) E, assim, o homem renunciou à busca de uma luz grande, de uma verdade grande, para se contentar com pequenas luzes que iluminam por breves instantes, mas são incapazes de desvendar a estrada. Quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, diferenciar a estrada que conduz à meta daquela que nos faz girar repetidamente em círculo, sem direcção.

Uma luz a redescobrir

4. Por isso, urge recuperar o carácter de luz que é próprio da fé, pois, quando a sua chama se apaga, todas as outras luzes acabam também por perder o seu vigor. (...) A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida. Transformados por este amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada orientando os nossos passos no tempo. Por um lado, provém do passado: é a luz duma memória basilar — a da vida de Jesus —, onde o seu amor se manifestou plenamente fiável, capaz de vencer a morte. Mas, por outro lado e ao mesmo tempo, dado que Cristo ressuscitou e nos atrai de além da morte, a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso «eu» isolado abrindo-o à amplitude da comunhão. Deste modo, compreendemos que a fé não mora na escuridão, mas é uma

luz para as nossas trevas. Dante, na Divina Comédia, depois de ter confessado diante de São Pedro a sua fé, descreve-a como uma «centelha / que se expande depois em viva chama / e, como estrela no céu, em mim cintila». [3]

(...)

60. A Maria, Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé, nos dirigimos, rezando-Lhe:

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé. Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecermos a voz de Deus e a sua chamada. Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa. Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor, para podermos tocá-Lo com a fé. Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer. Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.

Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho!

Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta luz da fé cresça sempre em nós até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor.

[1] *Dialogus cum Tryphone Iudaeo*, 121, 2: PG 6, 758.

[2] Clemente de Alexandria, *Protrepticus*, IX: PG 8, 195.

[3] Dante, *Divina Comédia*, Paraíso, XXIV, 145-147.

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Dezembro

1	<i>Paróquia C. Grande</i>	Advento – Venda de Natal
1	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
2	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
3 a 5		Retiro on-line – Advento
7	<i>Vale de Lobos</i>	Dia de oração para namorados e famílias VD
9	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
11	<i>Casa da Palavra</i>	FÉnomenal 21h – 23h
13 a 15		Encontro de Natal
14	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade 17h
15	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
16	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h

Janeiro

8	<i>Casa da Palavra</i>	FÉnomenal 21h – 23h
11	<i>Casa da Palavra</i>	Núcleo de Casais 10h – 13h
12	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
18	<i>Casa da Palavra</i>	2º Conselho FaMVD 10h – 15h
18	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa da Comunidade – Compromissos 16h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Escola de Pais 21h – 23h
24 a 26	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
25	<i>Casa da Palavra</i>	tu a Tu 10h – 12h30
26	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
29	<i>Casa da Palavra</i>	Peço a Palavra 21h – 23h

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Fevereiro

1 a 2		1º Encontro de Crisma
9	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
12	<i>Casa da Palavra</i>	FÉnomenal 21h – 23h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Ser animador Verbum Dei 10h – 17h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Missa de Comunidade 17h
22	<i>Casa da Palavra</i>	tu a Tu 10h – 12h30
23	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
25	<i>Casa da Palavra</i>	Escola de Pais 21h – 23h
28 a 5	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Março

7 a 9	<i>Paróquia e Vale Lobos</i>	CPM
9	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
10	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
12	<i>Casa da Palavra</i>	FÉnomenal 21h – 23h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Ser animador Verbum Dei 10h – 17h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Missa de Comunidade 17h
17	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
18 a 20		Retiro On-line – Quaresma
21 a 23	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
22	<i>Casa da Palavra</i>	tu a Tu 10h – 12h30
23	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev 21h – 23h
24	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h
25	<i>Casa da Palavra</i>	Escola de Pais 21h – 23h
30	<i>Paróquia C. Grande</i>	Feira de Primavera
31	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas 21h30 – 23h

Mais informações e inscrições em www.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

www.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com